

EXPERIÊNCIAS: PELOS CAMINHOS DO “DOUTORADO SANDUÍCHE”

Carla Mirelle de Oliveira Matos Lisboa

A princípio, eu não queria fazer parte do Programa de Doutorado Sanduíche no Exterior (PDSE). Os receios eram muitos: ficar ainda mais longe da família, da Turma da Sopa de Niterói (TSN) e dos seus atendidos; parar de gerar dados para a tese e sair da minha zona de conforto, ainda que nem sempre tenha sido tão confortável. Mas minha querida orientadora, Professora Dra. Maria do Carmo L. de Oliveira, insistiu para eu pensar com carinho na oportunidade que poderia ser única e que realmente foi. Então fui pesquisar um possível orientador em Portugal. Eis que descobri o professor Dr. Michel Binet e o Grupo de Etnometodologia e Análise Conversacional da Clusividade Social (GEACC), com uma agenda de pesquisa totalmente alinhada à minha tese e aos meus interesses. Logo, não tinha como não ir. Pareceu-me a oportunidade perfeita. Então Lucivânio, meu esposo, também pensou na possibilidade de fazer o PDSE. Resolvemos ir, os dois, um para Portugal e o outro para a Espanha, distância que seria mais um desafio. Mas decidimos enfrentar todos os desafios, pois sabíamos que era uma grande oportunidade acadêmica. O PDSE superou as minhas expectativas. Vou tentar resumir um pouco do que vivi lá, neste texto.

Como o custo de vida em Lisboa é alto e os aluguéis (arrendamentos) têm valores estratosféricos, resolvi dividir a morada com alguém. Através do

grupo de *WhatsApp* “Doutorandos em Lisboa”, falei com algumas pessoas e acabei acertando de dividir com a Liliane Neves (Lili), de Minas Gerais. Não nos conhecíamos pessoalmente, foi um jogo de confiança mesmo e de tentar a sorte para ambas as partes. Entretanto, posso dizer que tiramos a sorte grande: difícil encontrar alguém com tantas afinidades e dar tão certo, como foi o caso da nossa relação. Foram meses de muito companheirismo em que compartilhamos alegrias, descobertas e passeios, bem como agônias da vida acadêmica e dos prazos. Lili foi a irmã que eu não tive e ainda aumentamos nosso ciclo de amizade, pois passamos a ter amigas em comum. Assim, surgiu uma bela amizade, que levaremos conosco sempre! Eu brincava de que seu único “defeito” era não andar de bicicleta comigo. Mas conheci uma portuguesa, Rosa, que também se tornou uma grande amiga e parceira de pedaladas.

Portugal é tão encantador quanto dizem, e tanto Lisboa como as cidades que tive a oportunidade de visitar (Óbidos, Aveiro, Cascais, Sintra, Santarém, Évora, Fátima, Coimbra e Porto) são lindas. Cada uma delas me marcou com lembranças maravilhosas. Em algumas delas, tive a oportunidade de levar minha bicicleta ou mesmo ir pedalando, como em Cascais.

Há de se dizer que a bicicleta foi o meu principal e melhor meio de transporte durante todo o PDSE. Embora Lisboa seja considerada a cidade das sete colinas e realmente tenha muitas ladeiras, elas ficam apenas em uma parte da cidade. Eu consegui sobreviver a elas. Antes de ir a Lisboa, eu não sabia dessa fama, então não foi algo em que eu pensei na hora de escolher onde morar. Sem pensar nisso, acabei alugando um apartamento com Lili em um dos bairros mais altos da cidade: Campo de Ourique. No início, eu quase desisti ao subir a ladeira da Maria Pia e da Avenida Infante Santo. Estudei todos os caminhos possíveis, mas para voltar para casa sempre era preciso subir/superar grandes ladeiras. Graças ao apoio do grupo “*Minas da Pista*”, formado por ciclistas mulheres no Rio de Janeiro, do qual faço parte, não desisti. Várias mulheres, em especial a amiga Naomi, me encorajaram e me inspiraram, contando suas experiências, e me estimularam a não desistir, pois o meu desempenho melhoraria. E assim aconteceu. A cada dia as ladeiras de retorno para casa foram ficando menos piores, até que ficaram suportáveis e eu pude usufruir de todos os benefícios de ir de bicicleta para quase toda parte. Era perto de 1,5 a 2 km de ladeiras. Além disso, graças à bicicleta, fiz

ótimas amigas, conheci mulheres maravilhosas (brasileiras e portuguesas) com as quais tive a alegria de pedalar por lugares lindos. As principais foram: Kaiza, Ericka, Rosa, Anne, Ana Barroca e Ana. Mas e a vida acadêmica? Seguem os seus principais marcos.

Em agosto de 2017, fui recebida pelo professor Dr. Michel Binet e sua encantadora namorada (Ilda). Nesse mesmo mês, realizamos uma reunião com os membros do GEACC, na qual nos apresentamos e compartilhamos expectativas e planos. A recepção foi muito calorosa. Nela, ao ouvir sobre a agenda de investigação de cada membro do Grupo, pude confirmar que estava no local certo para receber contribuições para a minha tese e formação acadêmica como um todo.

Foram realizadas reuniões semanais ou bissemanais com o professor Dr. Michel Binet, nas quais tive várias sessões de análise conjunta dos dados de minha pesquisa. Nessas sessões, houve um intenso trabalho de aperfeiçoamento das minhas competências de transcrição da fala-em-interação e de análise da conversa etnometodológica em Intervenção Social, em que foram apresentados conceitos do Serviço Social, que muito contribuíram para a minha formação.

É válido destacar que o GEACC possui membros muito generosos (Michel Binet, Isabel de Sousa, Victor Braga, David Monteiro, Cristina Coelho e Tânia Pinto), dispostos a co-construírem conhecimentos e compartilharem materiais e informações que sejam de interesse coletivo. Inclusive, houve duas sessões de análise conjunta com os membros do GEACC, nas quais, por meio da professora Dra. Isabel de Sousa, tive contato com a “Comunidade Vida e Paz”, que é uma ONG semelhante à Turma da Sopa de Niterói, mas com uma estrutura muito maior e mais consolidada, pois teve seu início da abordagem de rua em 1988 e continua a crescer no trabalho social com as pessoas em situação de rua (em condição de sem-abrigo). Por meio desse contato, tornei-me voluntária desde setembro de 2017 até fevereiro de 2018 e acompanhei/participei do trabalho de várias equipes nas ruas. Foi possível também acompanhar a equipe técnica, que é responsável pela abordagem social. Em janeiro, após a solicitação formal, a ONG me autorizou a gerar dados de pesquisa, o que enriqueceu ainda mais as minhas experiências em Portugal.

Também tive a oportunidade de ministrar, junto com o prof. Dr. Michel Binet, aulas em cursos de Mestrado, Doutorado e Licenciatura em Serviço Social, respectivamente, no Instituto Superior de Serviço Social da Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Coimbra (FPCSUC), na Escola Superior de Educação e Ciências Sociais do Instituto Politécnico de Portalegre (ESECS-IPP) e no Instituto Superior de Serviço Social de Lisboa, da Universidade Lusíada de Lisboa (ISSSL-ULL).

Os aprendizados e descobertas, entretanto, ultrapassaram o mundo acadêmico. Eu conheci uma parte, não esperada, da miséria e da desigualdade social, que é bem semelhante ao que há no Brasil: muitas pessoas vivendo na rua, outras em situação de grande vulnerabilidade social. Mas também conheci várias organizações sociais que estão preocupadas com essas pessoas e querem, na medida do possível, fazer a diferença e amenizar seus sofrimentos sociais. Além da “Comunidade Vida e Paz”, também conheci de perto o grupo *Serve the City*. Ele me chamou a atenção não só pelo cuidado e respeito às pessoas atendidas, mas, principalmente, por tratá-las como iguais na prática; por proporcionar aos voluntários e às pessoas em situação de rua ou vulnerabilidade social um convívio entre iguais. Todos possuíam um adesivo com o seu nome. Tratou-se de um jantar mensal no qual os(as) voluntários(as) e os(as) atendidos(as) convidados(as) jantaram juntos(as), sentados(as) à mesa, e puderam conversar livremente, conhecerem-se e darem atenção um(a) ao(a) outro(a). Esse tipo de evento foi muito gratificante para mim, pois duas das pessoas que se sentaram à mesma mesa que eu falei muito sobre a vida, sobre o mundo e sobre suas revoltas, que demonstraram ser as mesmas que as minhas, com a diferença de que elas sentiram na pele o que estávamos falando e por isso falaram com mais propriedade sobre o assunto. Uma delas, que vive em situação de rua há anos, brincou dizendo que a aula iria acabar quando nos despedíssemos, porque, afinal, ela estava dando uma aula sobre a vida, sobre Portugal, o que, de fato, estava acontecendo mesmo. Também rimos, falamos das belezas de Portugal e do Brasil, bem como das mazelas e desigualdades sociais em ambos os países. Fomos tratados(as) de forma igual, como deveria ser em todos os lugares: recebemos tratamento com respeito e dignidade ao ser humano.

Encerro o compartilhamento de algumas de minhas experiências, deixando os meus agradecimentos à CAPES, aos professores Dr. Michel Binet

e Dra. Maria do Carmo L. de Oliveira, ao GEACC, à “Comunidade Vida e Paz” e aos(às) amigos(as) voluntários(as) dessa instituição, representados(as) pelas queridas Natacha, Helena, Carolina e Isabel, bem como seus(suas) assistidos(as), que me acolheram, após: e aos(às) amigos(as) voluntários(as) dessa instituição; à rede *Serve the City*, aos(às) amigos(as) queridos(as) que cruzaram o meu caminho, às visitas ilustres que diminuíram as saudades da família e de casa e, por fim, à TSN. Cada um(a), a seu modo, contribuiu para que minha participação no PDSE fosse bem-sucedida.